

Cota de candidaturas para mulheres não é respeitada

- ▶ Eleição para Câmara Municipal do Rio tem 29,96% de mulheres na disputa, menos do que o previsto em lei
- ▶ Coligações podem ter que cortar candidatos homens ▶ Partido sem participação feminina já entrou com recurso



Em outubro, cerca de 4,7 milhões de eleitores cariocas vão decidir quais dos 1.635 candidatos a vereador vão ocupar, pelos próximos quatro anos, as 51 cadeiras da Câmara Municipal. Será decisiva a preferência do eleitorado feminino, maioria na capital fluminense, com 54,53% do total de aptos a votar.

Na direção contrária à participação delas nas urnas, o número de mulheres

candidatas é ainda pequeno. Apesar de a lei 12.034, de 2009, estabelecer que "cada partido ou coligação preencherá o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo", 12 coligações ou legendas das 24 que disputam o pleito não atingiram a cota mínima nos registros de candidaturas.

O PCB, por exemplo, teve o pedido de registro negado por só ter inscrito um candidato homem a vereador. Mas, de acordo com o Tribunal Regional Eleitoral (TRE-RJ), a legenda recorreu da decisão.

No município do Rio de Janeiro, as mulheres representam apenas 29,96% do total de candidaturas aprovadas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), além das indeferidas que entram com recurso. O número é abaixo da média nacional: 31,8%.

Segundo o Ministério Público Eleitoral (MPE), a coligação que não observa a cota de gênero é notificada pela justiça eleitoral, para proceder ao corte de homens candidatos e a apresentação do registro de mulheres candidatas até completar o percentual.

51 vagas na Câmara Municipal do Rio de Janeiro estão em disputa. O salário de vereador é de R\$ 15.031,76 por mês.

"Se a correção não for feita, seja por inércia dos partidos, seja por haver o prazo escoado para os registros remanescentes, a chapa deve ser indeferida, conforme inclusive já definiu o TRE-RJ", explica o procurador regional eleitoral, Maurício da Rocha Ribeiro.

As coligações que não estiverem adaptadas à lei serão rejeitadas, mas ainda

poderão recorrer ao TSE. De acordo com o procurador, os partidos têm dificuldade de preencher a cota por causa do histórico recente de pouca participação feminina na vida política. "Isso é explicado pelo papel marginal que as mulheres sempre exerceram na vida pública. Basta lembrar que, até o meio do século passado, elas não tinham sequer capacidade eleitoral ativa", comenta Rocha Ribeiro.

JULIO CALMON
METRO RIO

Sexo dividido

O Rio tem 1.635 candidatos aptos na disputa pela Câmara Municipal

70,04%
DE HOMENS



Atingida por tiros em universidade é candidata pela primeira vez

Se não são a maioria entre os candidatos, as mulheres que vão disputar as 51 cadeiras da Câmara Municipal têm representantes com histórico de luta social e outros com experiência na vida legislativa, como Sônia Rabello (PV), Patrícia Amorim (PMDB) e Teresa Bergher (PSDB), que vão tentar a reeleição.

Já Luciana Gonçalves de Novaes (PT), 29 anos, concorre ao cargo parlamentar levantando também bandeira da acessibilidade. No dia 5 de maio de 2003, ela foi atingida por um tiro disparado por traficantes do Morro do Turano, no campus da Universidade Estácio de Sá, no Rio Comprido, na zona norte, onde

"Apesar de minha condição física, eu ainda respiro e tenho a cabeça muito boa."

LUCIANA NOVAES, TETRAPLÉGICA CANDIDATA A VEREADORA

estudava enfermagem.

Luciana ficou sem os movimentos do pescoço para baixo. Ainda assim, conseguiu se formar em Assistência Social neste ano. Da faculdade, veio o desejo de tentar ajudar a melhorar a vida dos deficientes físicos.

"Eu sei como é difícil a vida para quem é como eu. Se vencer a eleição, vou trabalhar para que a cidade fique melhor para os porta-

dores de necessidades físicas. Mas não só para eles, para os idosos, as grávidas, as mães com crianças pequenas e para toda a população também", promete Luciana, que até hoje briga na justiça com a universidade pela indenização.

Ela chegou a ser cogitada para disputar uma vaga na Assembleia Legislativa, na eleição de 2010, mas desistiu por causa das aulas na faculdade. Agora, entrou com força total na campanha, apesar da falta de recursos e algumas limitações. Para fazer corpo a corpo na rua, por exemplo, Luciana precisa ficar de olho na autonomia da bateria de seu respirador mecânico, que só dura oito horas. ● J.C.



▶ Em julho, em visita ao Engenho, Luciana ao lado do ex-jogador Maurício

REPRODUÇÃO DE ARQUIVO PESSOAL